A voz no trabalho docente

Gustavo Bruno Bicalho Gonçalves *

1 - Introdução: a voz

A voz é um atributo humano fundamental para a qualidade de vida das pessoas, pois é ela o que dá suporte e intensidade à fala, meio de comunicação fundamental nas relações interpessoais.

A voz é, também, fonte de prazer, na medida em que permite expressar-nos, portanto, cantar, comunicar nossos sentimentos, pedir ajuda, nos posicionarmos frente ao outro, etc. Porém, a voz não é apenas meio de comunicação, ela é, também, meio de trabalho no caso dos "profissionais da voz", categoria em que se inserem os professores.

Convido vocês a imaginarem alguém com sérios problemas de voz: deficiência respiratória por uma doença nos pulmões, por exemplo. Uma pessoa nessas condições fala uma frase e já precisa tomar ar novamente, para depois descansar um pouco, não consegue falar por mais que dez minutos. Há uma série de profissões que seriam contraindicadas para essa pessoa por um médico otorrinolaringologista, por um fonoaudiólogo ou por um médico do trabalho, por exemplo: cantor, teleatendente, vendedor, locutor, repórter, orador, enfim, existe uma longa lista de profissões que contam com a boa qualidade vocal de seus trabalhadores, chamados "profissionais da voz". Parece ser evidente que a docência também é uma profissão desse tipo, na qual a voz é de uma importância central e que nenhum médico a recomendaria a uma pessoa com "deficiência respiratória por uma doença nos pulmões".

Os professores necessitam da voz para exercer seu trabalho, que pode ser extremamente prejudicado caso ela venha a lhes faltar. Infelizmente, devido a uma sobredeterminação de fatores emocionais, orgânicos e ambientais, professores em todo mundo vêm apresentando problema de voz, em alguns casos chegando até a deixar de lecionar. As precárias condições de trabalho encontradas nas escolas são consideradas uma causa determinante na tentativa de explicar esse quadro. Frequentemente a voz é o único recurso que o professor possui para alcançar o aluno e, ainda assim, precisa competir com o alto nível de ruído em sala de aula. A voz é utilizada por muito tempo e em alta intensidade. Trata-se de um problema abrangente: em todo o mundo, os professores sofrem sintomas relacionados ao uso nocivo da voz o que, de várias formas, relaciona-se às suas precárias condições de trabalho.

2 - Saúde vocal e trabalho docente

A organização do trabalho define riscos para os trabalhadores a partir da escolha da tecnologia empregada nos processos, bem como na definição das condições de trabalho. Tais escolhas podem impor ao trabalhador condições dentro das quais não seja possível responder com plasticidade e adaptar-se funcionalmente, ocasionando o adoecimento. Por exemplo, o ruído é uma carga física e uma condição normal e tolerável em pequena intensidade e curto período de tempo, não apresentando risco ao trabalhador nesses níveis. Porém, uma longa jornada em ambiente ruidoso induz ao estresse e pode ocasionar sintomas como dor de cabeça, irritabilidade e até uma perda auditiva induzida pelo ruído, além de trazer grandes riscos para a voz. O professor recebe várias influências do contexto em que realiza seu trabalho, que determinam as formas como ele utiliza seu corpo e suas formas de adaptar-se, que por vezes se traduzem em doenças e, frequentemente, em doenças vocais.

Sendo a voz um dos problemas de saúde que mais afligem os docentes, surge a pergunta sobre as especificidades do trabalho docente que levam os

* Doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana. Mestre em Educação. Bacharel em Psicologia e Fonoaudiologia. Professor do Curso de Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais da PUC Minas em 2008.
E-mail: gbbicalho@uol.com.br

professores a comportarem-se de forma tão nociva à sua saúde vocal. As relações entre a gestão escolar e a organização do trabalho docente nos parecem um caminho interessante para tentar esclarecer os condicionantes dos usos que os professores fazem de sua voz em sala de aula.

No Brasil, os docentes atuantes na educação básica pública convivem com precárias condições de trabalho para realizar atividades que exigem grande responsabilidade e comprometimento. É significativo que, vulgarmente, a atividade do professor de escola pública seja definida como assentada no "cuspe e giz". A expressão transmite, basicamente, duas idéias: a da centralidade que a voz ocupa como meio de trabalho nessa profissão e a da precariedade que vive o professor para executar seu trabalho em uma sala de aula. Os meios que ele possui praticamente se restringem à sua voz e ao giz (que pode causar alergia, prejudicando a voz), e é principalmente por esses meios que ele realiza seu trabalho. A centralidade da voz no trabalho docente contribui para o aumento da prevalência de disfonias, trazendo importantes consequências para o sistema público de ensino e constituindo-se em tema de grande relevância social.

O problema do absenteísmo de professores doentes coexiste com o de professores disfônicos que aprendem a conviver com a disfonia em sala de aula. Se o absenteísmo prejudica o aluno pela interrupção das aulas, o professor que permanece doente em seu posto também o prejudica por seu estado de saúde debilitado e pela dificuldade em expressar-se com clareza. Ademais, o aumento do esforço para falar leva-o a assumir maiores cargas de trabalho, aumentando seu desgaste. Os professores disfônicos precisam repetir mais vezes para serem compreendidos, e ao custo de um maior esforço físico para cada enunciado.

O local por excelência onde se concentram as atividades do professor na escola e onde ele faz um uso mais intenso da voz é a sala de aula. Os eventos que ocorrem na sala de aula parecem ser o que, de modo mais direto, se relacionam ao desgaste do professor ao determinar seus deslocamentos, seu cansaço, sua intensidade vocal, seu grau de relaxamento, etc. Isso faz com que seja importante identificar os fatores de risco presentes nas salas de aula, como conforto térmico, qualidade do ar (umidade, partículas suspensas), níveis de ruído, infraestrutura e número de alunos por sala. Entretanto, não se pode tomar a sala de aula de forma descontextualizada. Na sala de aula está a maior parte do trabalho visível do professor, mas é imprescindível que sejam analisados outros aspectos do trabalho docente, que também contribuem para o desgaste, como as pressões de tempo, o trabalho levado para casa, relacionamentos estressantes com os colegas, múltiplas jornadas, planos de carreira e política de remuneração defasados. Outros espaços, tais como reuniões pedagógicas e secretarias de governo, contribuem para definir a sala de aula e o seu contexto, logo devem estar presentes tentativas de análise do trabalho docente.

3 - Alternativas para um uso mais saudável da voz no trabalho docente

As atuais formas de abordar os problemas de voz entre professores situam-se entre o atendimento clínico especializado, depois do adoecimento do professor, visando a sua cura e implicando em seu provável afastamento; e a realização de projetos educativos e de prevenção em escolas, visando divulgar para os professores noções de higiene vocal, saúde vocal, abuso e mau uso vocal, além de despertar a atenção dos professores para possíveis problemas de voz. Essas formas de abordar o problema enfocam o sujeito antes que o contexto que gerou seu adoecimento. Outros tipos de abordagem privilegiando significativas mudanças na estrutura escolar, tais como aquisição de aparelhos de microfones, amplificadores, diminuição do tamanho das turmas, reformas de espaços para otimização da acústica, são considerados demasiadamente caros, embora talvez fossem bastante eficazes na redução dos problemas de voz em professores e até melhores que as medidas individualizantes acostumadas.

Esse tipo de abordagem que privilegia o atendimento ao indivíduo doente ou em risco, em detrimento de uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto do adoecimento, pode ser arriscado. Ele pode fundamentar uma postura em que pouco se faz pela modificação das condições objetivas de trabalho e acabar indo contra os interesses dos professores enfermos, desmotivando-os a buscarem melhores condições de trabalho e de uso da voz e, ainda, sentirem-

se culpados pela própria doença, quando na verdade muitas vezes são vítimas.

Procurando tentar distinguir, até onde fosse possível, os fatores contextuais dos fatores pessoais na gênese das doenças relacionadas à voz, realizei um estudo no qual foi observado que, para incentivar a participação dos alunos, dirigir e ritmar a turma, os professores respondiam às exigências das tarefas pedagógicas por meio de mecanismos de hipersolicitação da voz, como distorcer a voz, gritar e falar em alta intensidade. Esses comportamentos foram identificados tanto no ensino do conteúdo quanto na organização do processo da aula e, em parte, eram causados pela competição com ruídos. Nesse estudo observou-se, ainda, que os professores desenvolviam estratégias de autopreservação vocal, como usar meios didáticos alternativos que não sobrecarregavam a voz, evitar a competição com o ruído ou praticar higiene vocal (beber muita água, comer maçã no intervalo, usar pano úmido para apagar o quadro, não gritar e outras atitudes simples que visam à proteção da voz). Essas estratégias, às vezes, eram desenvolvidas por eles próprios, a partir da sua experiência, com vistas a se autopreservarem e, às vezes, resultavam de orientações colhidas com especialistas, como fonoaudiólogos. Contudo, mesmo sabendo de um modo ou de outro o que teriam que fazer para preservarem sua saúde vocal, eles nem sempre podiam mobilizar as estratégias desenvolvidas e acabavam incorrendo em hipersolicitação vocal.

Os resultados da pesquisa sugerem que mudanças na organização do trabalho docente, como diminuição do nível de ruído e do número de alunos por sala e implementação da pedagogia de projetos, podem contribuir para a prevenção da hipersolicitação em sala de aula e, consequentemente, da disfonia ocupacional entre os docentes, melhorando, assim, a qualidade de vida desses profissionais. Pode-se também recomendar que sejam criadas sessões de formação para professores nas quais eles possam compartilhar as estratégias de autopreservação – até então, em sua maior parte, individuais –, servindo para a elaboração de estratégias coletivas.

4 - Conclusão

Gostaria agora de retomar a questão levantada anteriormente sobre se o trabalho docente seria mesmo um trabalho realizado por um "profissional da voz". Supondo que nosso trabalhador hipotético com "deficiência respiratória por uma doença nos pulmões" viesse a trabalhar em uma escola, seu desempenho profissional estaria comprometido, não é mesmo? Por mais bem intencionado e esforçado que fosse esse professor, dificilmente ele conseguiria superar a sua jornada de trabalho. Seria improvável que ele, sozinho, conseguisse ministrar conteúdos durante várias horas e vários meses para barulhentas turmas de trinta alunos em diferentes estágios de aprendizagem, diferentes origens sociais e diferentes habilidades, tudo isso sem agravar seus problemas de saúde. Apesar da forte tendência em acreditar que não, que ele não seria capaz, há um exemplo na história da pedagogia que nos faz questionar essas crenças: Célestin Freinet.

Célestin Baptistin Freinet (1896-1966) foi um importante pedagogo, idealizador da Pedagogia Ativa, um método de ensino que revolucionou o modo de pensar a relação ensino-aprendizagem, deixando discípulos e inspirando a obra de muitos intelectuais como Dewey, Anísio Teixeira e Paulo Freire. Freinet era, também, o portador das desvantagens descritas no início do texto: "deficiência respiratória, doença nos pulmões, não consegue falar por mais que dez minutos", deficiências que se relacionam de modo essencial com sua pedagogia, pois, segundo seus biógrafos, foi essa sua dificuldade que o levou a procurar uma nova maneira de dar aulas.

Seu método defende a praticidade e a integração de idéias no trabalho na sala de aula e a centralidade do trabalho desenvolvido pelo aluno no processo de construção de sua aprendizagem. São idéias que colocam o professor no papel de facilitador e buscam valorizar a autonomia e a capacidade criativa dos alunos, os quais deveriam, eles sim, ter "voz ativa". Tal era o valor que Freinet atribuía à ação e ao trabalho para a formação do aluno, que dizia ele: "quanto menos falar, mais coisas você fará", frase que também dá a dimensão do papel que a voz ocupava na prática desse pedagogo; um papel muito menos central do que observamos na prática de grande parte dos professores, ainda hoje.

Freinet escreveu uma lista de trinta invariantes pedagógicas, nas quais procurou resumir seus pensamentos. A de número vinte destaca-se para todos que criam ser a docência algo a ser exercido por um

"profissional da voz", ao dizer: "fale o menos possível". Esta invariante não apenas sintetiza uma idéia pedagógica bem sucedida, como também vem ao encontro das expectativas de profissionais comprometidos com a saúde vocal do professor, preocupados com o uso intenso e frequentemente nocivo que os professores fazem de sua voz em sala de aula, e nos coloca uma questão: Como organizar o trabalho pedagógico de modo que o professor não fale tanto?

Responder a esta pergunta de um modo satisfatório pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dos professores, que tanto têm sofrido por problemas de voz. Pode, ainda, significar tirá-lo do desconfortável lugar no qual vem sendo colocado, de um "profissional da voz", que deve aprender técnicas vocais e realizar práticas preventivas para a saúde vocal (que ajudam, sim, mas frequentemente são paliativas e insuficientes). Não se trata de substituir a prescrição de exercícios vocais pela prescrição de práticas pedagógicas inspiradas na pedagogia ativa como meio de prevenir os problemas de voz. Isso, igualmente, poderia contribuir para a culpabilização do professor que não conseguisse implementar mudanças didáticas significativas em suas aulas. Trata-se de refletir sobre o trabalho docente e propiciar meios para que as práticas ativas de ensino possam se desenvolver, para melhor proveito dos alunos e dos professores.

Referências

FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho. **Uso profissional da voz em sala de aula e organização do trabalho docente**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

UNESCO. **Condiciones de trabajo y salud docente**: estudios de casos en Argentina, Chile, Ecuador, México, Perú y Uruguay. Santiago: Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe, 2005.